

## 06

**“TIRO NÃO O MATA, FOGO NÃO O QUEIMA,  
ÁGUA NÃO O AFOGA”: AS REFIGURAÇÕES DE  
MACOBEBA NO MODERNISMO BRASILEIRO**

Nabil Araújo (UERJ)

Thayane Verçosa (UERJ)

*Recebido em 08 dez 2019.**Aprovado em 26 fev 2019.*

**Nabil Araújo** é Doutor em Estudos Literários pela Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG). Professor de Teoria da Literatura na graduação e na pós-graduação em Letras da Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ). Vice-Diretor e Coordenador de Licenciaturas do Instituto de Letras da UERJ. Líder do grupo de pesquisa interinstitucional “Retorno à Poética: imagologia, referenciação, genericidade”. É autor de *O evento comparatista: da morte da literatura comparada ao nascimento da crítica* (no prelo). Organizou *A crítica literária e a função da teoria: reflexão em quatro tempos* (2016) e *Imagens em discurso: efeitos de real, efeitos de verdade* (no prelo); coorganizou *Variações sobre o romance* (2016), *Variações sobre o romance II* (2018) e *Imagens de Fausto: história, mito, literatura* (2017). Pela sua tese, *O evento comparatista: na história da crítica / no ensino de literatura*, recebeu o Prêmio UFMG de Teses, em 2014, e o Prêmio ANPOLL de Teses, em 2016. Seu projeto “Ensino de literatura e desenvolvimento da competência crítica: uma ‘terceira via’ didático-pedagógica” foi premiado pela Fundação Carlos Chagas como a melhor experiência educativa inovadora realizada por docente de Licenciatura em 2014. Em 2015, foi contemplado

com o Prêmio Docência Dedicada ao Ensino Anísio Teixeira, conferido pela Sub-Reitoria de Graduação da UERJ. Pesquisa e produção na área de Letras: Teoria da Literatura, História da Crítica, Ensino de Literatura.

**Thayane Verçosa** é Mestranda em Teoria da Literatura e Literatura Comparada pela Universidade do Estado do Rio de Janeiro e bolsista da CAPES. Faz parte do grupo de pesquisa “Retorno à Poética: imagologia, referencialização, genericidade”, coordenado pelo professor Nabil Araújo.

**Resumo:** Partindo das colunas assinadas por José Mathias no periódico *A província*, de abril a setembro de 1929, nas quais as peripécias e as atrocidades de Macobeba são narradas, pretendemos analisar, comparar e contrastar o modo como o monstro reaparece em diferentes contextos e obras do Modernismo brasileiro. Para tanto, o nosso *corpus* é composto também, em ordem cronológica, por “Macobeba” (1929), de Mário de Andrade; pelos textos “Macobeba pré-histórico” (1930) e “Macobeba antigo” (1930), de Graciliano Ramos; e pelo *Manuscrito Holandês ou a peleja do caboclo Mitavaí com o Monstro Macobeba* (1960), livro de Manuel Cavalcanti Proença. Desse modo, a partir do conceito de refiguração (REIS, 2018), buscaremos analisar como ocorrem as reelaborações do monstro, atentando para os procedimentos retórico-estilísticos usados nas diferentes composições, e para o modo como elas dialogam, destacando eventuais aproximações e afastamentos.

**Palavras-chave:** Modernismo brasileiro; Refiguração; Sobrevida; Imagologia; Macobeba.

**Abstract:** Beginning with the columns published from April to September of 1929 by José Mathias in the newspaper *A província*, in which Macobeba's adventures and atrocities are narrated, we intend to

analyze, to compare and to contrast how the monster reappears in different Brazilian Modernism's works. In order to achieve this goal, besides the mentioned columns, we will also study: "*Macobeba*" (1929), a text from Mário de Andrade, "*Macobeba pré-histórico*" (1930) and "*Macobeba antigo*" (1930), written by Graciliano Ramos; and *Manuscrito Holandês ou a peleja do caboclo Mitavaí com o Monstro Macobeba* (1960), a book written by Manuel Cavalcanti Proença. Therefore, with the idea of refiguration (REIS, 2018), we intend to analyze how Macobeba reappears in different works, highlighting the rhetorical and stylistic procedures used in the works. Besides, we also intend to show that there is a dialogue among them and to point how it works.

**Keywords:** Brazilian modernism; Refiguration; Afterlife; *Imagologia*; Macobeba.

## INTRODUÇÃO

O presente artigo tem como objetivo analisar e comparar as refigurações do monstro Macobeba<sup>1</sup> no Modernismo brasileiro. Para isso, partimos de sua primeira aparição, em 7 de abril de 1929, no periódico *A província*, que dá início a uma série de crônicas – quase todas assinadas por José Mathias (Júlio Bello) – que narram, comentam e descrevem as peripécias do monstro, “[g]rande, muito grande, do tamanho de uma sucupira de meio século, com um extenso rabo metade de leão e metade de cavalo, quatro imensos olhos vermelhos como quatro grandes brasas vivas a flor da cara, aduncas unhas de ‘lobisomem’” (MATHIAS, 1929).

1 Em todos os textos consultados nos periódicos, i.e., os de José Mathias, José Lins do Rego, Estevão Pinto e Mário de Andrade, o monstro é chamado de Macobêba. Na coletânea de inéditos de Graciliano Ramos, *Garranchos* (2012), organizada por Thiago Mio Salla, e no livro *A peleja do caboclo Mitavaí com o monstro Macobeba*, o acento circunflexo caiu, sendo esta a grafia que optamos por adotar aqui.

Depois desse primeiro momento, dando sequência à análise das figurações do personagem em ordem cronológica, o segundo texto estudado é “Macobeba”, de Mário de Andrade, publicado originalmente em 1929, na sua coluna “Táxi”, do periódico *Diário Nacional*, e posteriormente inserido na coletânea *Os filhos de Candinha* (1943). Diferentemente de José Mathias, que, além de ter criado o monstro, escreveu diversas crônicas sobre ele, o autor de *Macunaíma* aborda a personagem em apenas um texto.

No terceiro momento analisado, Lúcio Guedes, pseudônimo eventualmente usado por Graciliano Ramos em algumas publicações no *Jornal de Alagoas*, traz o monstro para o centro de dois textos: “Macobeba pré-histórico” e “Macobeba antigo”, ambos publicados em 1930. Eles saem também, muitos anos depois, na coletânea de inéditos *Garranchos* (2011).

O quarto momento analisado pertence à década de 1960, quando Manuel Cavalcanti Proença escreve *Manuscrito holandês ou a peleja do caboclo Mitavaí com o monstro Macobeba*. A besta, presente já desde o título da obra, ocupa uma posição de destaque na trama, figurando como um vilão a ser combatido, derrotado e expulso da cidade pelas mãos do herói indianista Mitavaí, em uma trama recheada de lendas, mitos, figuras maravilhosas e referências claras a outras notórias obras, como *Macunaíma* e *Odisseia*.

É relevante destacar, à guisa de curiosidade, que além de todas essas aparições do monstro em diferentes obras literárias, como brevemente mostrado acima, Macobeba também povoou o imaginário popular. Luzia Aparecida Oliva dos Santos e Sérgio Motta

no artigo “Cavalcanti Proença: quadros de Mitopoética” (2008), em uma nota de rodapé, afirmam que:

Diz a tradição que, em Olinda, nos anos 40, o medo do Macobeba tomava conta da população. Grotescamente era descrito da seguinte forma: “capa preta, enorme cartola enfiada na cabeça até as orelhas. Enormes, reluzentes e afiadas presas se cruzavam fora da boca. Barba rala, orelhas de abano, fedendo a enxofre. Unhas enroscadas e mãos cabeludas. De poucas palavras, voz grossa e rouca”. Aparecia em noites escuras, atacando mulheres, preferencialmente, com exceção das gordas e feias. (p.3)

Ainda sobre essa vertente mais popular, Thiago Mio Salla, em *Graciliano Ramos e cultura política: mediação editorial e construção do sentido*, assegura que:

Tal figura mitológica fora imaginada por José Mathias, no jornal *A Província* do Recife, em 1929, e, logo depois, cantada em folhetos por poetas populares. Uma das cantigas dizia: É um tal de Macobeba / Bicho feio e valentão / Tem quatro olhos enormes / Que parece ser o cão, / Tem as unhas tão compridas / Que nem mesmo um gavião [...]. // Faz o diabo Macobeba; / Devasta tudo onde passa, / Derruba porta de engenho / Bebe toda cachaça, / “E sai como um pé de vento / Inda soltando fumaça”. (SALLA, 2016, p.95)

As expressões populares de Macobeba dão mostra da presença do monstro também no imaginário popular, e de que o personagem não sobreviveu apenas por obra de autores renomados. Assim, todas essas reaparições da besta, aqui com ênfase nas do Modernismo

brasileiro, são exemplos de *refigurações* dessa personagem, observando-se que:

O conceito de refiguração decorre da noção de figuração e reporta-se ao processo de reelaboração narrativa de uma figura ficcional (normalmente uma personagem), no mesmo ou em diferentes suportes e linguagens. Pressupõe-se, deste modo, que as figuras ficcionais não são entidades restringidas e estaticamente fixadas na figuração a que uma certa narrativa se submeteu. (REIS, 2018, p.421)

Como a ideia de refiguração parte do conceito de figuração, isto é, “um processo ou um conjunto de *processos discursivos* e metaficcionais que individualizam figuras antropomórficas, localizadas em universos diegéticos específicos, com cujos integrantes aquelas figuras interagem, enquanto personagens” (REIS, 2018, p.165 - grifo nosso), a fim de analisar as diferentes reaparições de Macobeba, a realização de um estudo imagológico se faz necessária, uma vez que a imagem em um texto sempre é construída a partir de procedimentos discursivos: “[a] imagem [...] “em um texto é primeiramente um conjunto de palavras, um léxico para dizer o Outro” (PAGEAUX, 2011, p.112), de modo que “[c]onvém, em um texto, identificar o campo lexical, as possíveis isotopias, os processos de comparação que são espécies de equivalentes ou de aproximações para dizer o Outro, ser atento à adjetivação, expressão elementar do julgamento de valor e de hierarquização” (PAGEAUX, 2011, p.122).

Nesse sentido, é relevante também lembrar que:

Toda imagem procede de uma tomada de consciência, por mínima que seja, de um Eu em

relação a um Outro, de um aqui em relação a um alhures. Portanto, a imagem é a expressão, literária ou não, de um distanciamento significativo entre duas ordens de realidade cultural. [...] A imagem é uma espécie de língua, de língua segunda para dizer o Outro e, consequentemente, para dizer também um pouco de si, de sua cultura. (PAGEAUX, 2011, p.110-111)

Ao atentar para os elementos de análise apontados por Pageaux, que revelam a(s) imagem(ns) construída(s) de Macobeba, vale a pena observar ainda que “os elementos estruturantes da narrativa [...] [são considerados] como os traços dos processos interacionais e pragmáticos em que o escritor opera escolhas, em função da situação, do gênero, da imagem dos leitores, etc.” (RABATEL, 2016, p.15-16).

Tal análise será feita com o intuito de perceber e contrastar como a imagem de Macobeba é construída nas crônicas de José Mathias, no texto de Mário de Andrade, nos escritos de Graciliano Ramos e no livro de Manuel Cavalcanti Proença, a fim de constatar eventuais afastamentos e aproximações.

### **1. “UMA SÉRIE DE REVELAÇÕES SENSACIONAIS SOBRE UM TAL MACOBEBA, BICHO HORROROSO QUE ESTÁ APARECENDO NAS PRAIAS DO SUL” (A PROVÍNCIA, 7 DE ABRIL, DE 1929)**

Macobeba vem a lume em 7 de abril de 1929, na primeira de uma série de crônicas do periódico pernambucano *A província*. Dos 28 textos que tratam do monstro – de suas aventuras, de sua genealogia, dos efeitos despertados por ele nos leitores e nas crianças, das revelações acerca de sua origem mitológica e da sua origem como personagem, do fim da história, etc. – 26 foram escritos por José Mathias, modo “como se ocultava o senhor de

engenheiro e escritor Júlio Bello, também autor, até 1930, de artigos firmados com o próprio nome e com outro pseudônimo: Jose Pinto Corte Real” (NASCIMENTO, 1966, p.233). Júlio Celso de Albuquerque Bello, o “agricultor sentimental”, epíteto dado por Gilberto Freyre, foi “jornalista de oposição, deputado, presidente do Senado de Pernambuco, governador interino do estado” (FREYRE, 1987, p.181). Sua obra de maior destaque, *Memórias de um senhor de engenho* (1939), segundo Freyre: (1987, p.189-190):

uma contribuição valiosa para o estudo da história social de Pernambuco. O Pernambuco das últimas casas-grandes patriarcais. Retrata figuras que só os bons escritores de memórias sabem salvar do esquecimento em que as deixa a outra história: a oficial; a dos sócios do Instituto; a dos historiadores solenes que apenas se interessam pelos homens públicos e pelas datas gloriosas: não enxergam nunca os parentes pobres dos heróis, às vezes tão cheios de interesse humano.

Júlio Bello, assinando com o pseudônimo de José Mathias – modo como aqui será tratado – é o responsável majoritário pelos quadros de Macobeba que saem no periódico *A província*, uma vez que, de 28 textos, apenas dois não foram escritos por ele, mas por José Lins do Rego e Estevão Pinto – ambos analisados nos tópicos subsequentes. Para além dos três autores mencionados, Manuel Bandeira também participa da cocriação da personagem, ao desenhar o monstro, que acompanha quase todas as crônicas de Macobeba, como na figura 1; poucos são os textos sem o desenho, que ilustra a descrição de José Mathias:

Grande, muito grande, do tamanho de uma sucupira de meio século, com um extenso rabo metade de



leão e metade de cavalo, quatro imensos olhos vermelhos como quatro grandes brasas vivas a flor da cara, aduncas unhas de “lobisomem”, enorme cabeleira [...] de “Mãe-dagua”, feroz como “João Galafoice”, traiçoeiro e rápido como o “Pai do Mato”, o Macobeba empunha uma imensa vassoura de grandes cordas resistentes de cruapé e devasta tudo por onde passa.

Anoitece muita vez num engenho junto a Camela do Sirinhaém e pela madrugada passa uivando noutros dos Confins de Rio Formoso com Água Preta.

As garruchas se escorvam e se penduram nos tornos dos mocambos de pindoba. Nos cantos das casas de palha os zagunchos de cinco palmos de folha e cinco metros de cabo luzem afiados para a investida ao bicho desesperado que há duas semanas passa incólume em todos os lugares. (MATHIAS, *A província*, 7 de abril de 1929)<sup>2</sup>

Há uma série de passagens semelhantes à supracitada, contando o que o monstro anda fazendo, o modo como ele está atormentando e apavorando os moradores das regiões, e os prejuízos sérios que está causando à localidade:

O Macobeba vive na zona ribeirinha do mar não se afastando dez léguas dos cômodos da praia.

O que come não se sabe ao certo.

Bebe a água salgada do mar e com tamanha sofreguidão a bebe que de quando em vez as vazantes da maré se adiantam de horas e descobrem-se na costa coroas de areia que jamais nenhum cataclismo descobriu.

[...].

2 Todas as citações retiradas de periódicos foram consultadas através de pesquisas na Hemeroteca Digital. In <http://bdn.digital.bn.gov.br/hemeroteca-digital/>. Acesso em 6.Nov.2018.

O Macobeba está secando o mar e despovoando a terra firme com a sua imensa sede de tromba e a sua crua ferocidade de “Lobisomem”.

Nossa Senhora proteja as criancinhas de cachos de cabelos louros, as meigas criancinhas das praias da maldade do estafermo.

Deus permita que “João Galafoice” que é ranzinza, birrento e teimoso venha do mar e o velho “Pai do mato” desça da floresta, que se ajuntem com as quatro maiores e mais ligeiras “caiporas” da mata virgem, com a “Mãe-dagua” e o “Lobisomem” e deem cabo do malvado para que fiquem as beiras de praia livres do Macobeba, do tamanho de uma sucupira de meio século com o seu grande rabo de leão e de cavalo e seus quatro grandes olhos arregalados e vermelhos como quatro imensas brasas vivas pegando fogo em tudo. (MATHIAS, A *província*, 7 de abril de 1929)

Ou ainda, em termos de destruição:

Onde passa deixa o sinal e há quatro dias que não se descobre traços de sua passagem dali saindo em qualquer direção.

O Macobeba é como um judeu errante: semeia a desgraça no seu caminho. E a alma danada do fogo e da devastação.

É necessário caçá-lo com desespero.

Tiro não o mata, fogo não o queima, água não o afoga, mas é preciso acabar com o Macobeba (MATHIAS, A *província*, 11 de abril de 1929).

Há, também, passagens que ilustram peripécias, como:

Pela manhã de ontem apareceram no campo do Piranga quatro vacas de rabos arrancados e dois touros atolados até os chifres num pântano das

circunvizinhanças ao pé de uma azinhaga que margeia num bosque de eucaliptos. Não foram encontrados os quatro rabos de vaca.

Parece que dali rumou ao morro do Arraial não se aproximando muito da grande estátua de Nossa Senhora.

[...].

Perto da vila operária da Casa Amarela para os lados da linha férrea do norte virou um mocambo de zinco invertendo a frente que à noite estava voltada para o sul e amanheceu voltada para o norte. Isto causou um verdadeiro assombro na zona ribeirinha e não se compreende porque artes do demônio Macobeba conseguiu tão extraordinário sortilégio sem que os moradores residentes da casa acordassem no ato da mutação e dele se apercebessem (MATHIAS, *A província*, 21 de abril de 1929).

A longa série de extensas citações mostra o tom presente na maioria das crônicas de Macobeba. O monstro geralmente aparece causando confusão e deixando cenários de caos por onde passa, levando destruição a diversas regiões. No dia 1 de setembro de 1929, no entanto, José Mathias publica um texto inusitado: “Macobeba nunca existiu”, relatando como ele teve alucinações e viu o monstro em meio *a uma forte ressaca*:

Amigos, durante aquelas terríveis 24 horas de sono vi Macobeba e aquelas horrendas tropelias todas num pesadelo. Vi e contei-vos nas minhas crônicas. Dr. Ulysses Pernambucano, o ilustre psiquiatra, a um cliente que na minha presença se lhe queixara de andar vendo em sono e até nas vigílias, animais pelos ares, disse-lhe com brandura:

- Deixe de beber. Isso de animais em sonho e assim acordado é mau sinal. Você acaba dando-me

trabalho lá para os lados da Casa Amarela. Deixe a bebida.

Macobeba foi o pesadelo de um alcóolatra inveterado e hereditário.

Perdoem-me, amigos. (MATHIAS, *A província*, 1 de setembro de 1929)

O final do monstro – depois desse texto não são narradas outras atividades de Macobeba – é inesperado, pois ao longo das crônicas não havia indicações de que a trama terminaria com um viés cômico, visto que Macobeba não era pintado de um modo engraçado. É possível afirmar que não havia comicidade na elaboração da imagem do bicho, a partir de uma análise da seleção lexical utilizada na caracterização dele.

Desse modo, em termos de substantivos usados para tratar do monstro, percebemos, em ordem quantitativa de ocorrência, palavras como “lobisomem” (24 vezes), “fantasma” (18), “bicho” (10), “abantesma” (7), “monstro” (5), “avejão” (4), “demônio” (3), “estafermo” (3), “ente”, “malfeitor”, “animal” e “besta” (todos sendo usados apenas 1 vez), além dos adjetivos substantivados: “desgraçado” e “malvado” (ambos ), “desadorado” e “encourado” (ambos 1). Já em termos de adjetivos, temos “horrível” e “terrível” (ambos utilizados 6 vezes), “maldito” (4), “horroroso” e “diabólico” (ambos 2), e “fantástico”, “danado”, “monstruoso”, “invencível” e “desadorado” (todos usados apenas 1 vez). Ademais, por duas vezes o narrador caracteriza o modo de surgir de Macobeba como “aparecer como um demônio”, e menciona, uma vez, certos “vapores de enxofre” deixados pelo monstro por onde passa, construindo, assim, a imagem do bicho como algo demoníaco, o que atinge seu

ápice com a recorrência da necessidade e da impossibilidade de matá-lo: “[t]iro não o mata, fogo não o queima, água não o afoga mas é preciso acabar com o Macobeba”, espécie de leitmotiv, que aparece 6 vezes ao longo das crônicas, geralmente após um cenário de destruição de Macobeba.

Tais escolhas lexicais, portanto, constroem a imagem de Macobeba a partir do campo semântico do medo, uma vez que o narrador não utiliza substantivos e adjetivos que não estejam ligados ao temor, à destruição, ao horror, de modo a construir e elaborar uma figura monstruosa e assustadora, selecionando as palavras que se inserem adequadamente nesse campo.

Assim, o monstro é pintado de maneira assustadora, o que fica ainda mais evidente, quando os textos de José Mathias são contrastados com os de José Lins do Rego e Estevão Pinto, publicados na mesma coluna, analisados na sequência.

### **1.1. “ESTÁVAMOS SEM UM LOBISOMEM, UM DESSES TERRORES TÃO NECESSÁRIOS À IMAGINAÇÃO DO POVO” (REGO, A PROVÍNCIA, 7 DE JUNHO DE 1929)**

Como mostrado na seção anterior, das 28 crônicas sobre as peripécias de Macobeba, 26 foram escritos por José Mathias (Júlio Bello), uma por José Lins do Rego e outra por Estevão Pinto. Em 7 de junho de 1929, Macobeba aparece nas páginas do periódico, sob a pena de José Lins do Rego.

Desde a chamada na página do periódico, o modo de construir a personagem já difere do modo de José Mathias. Enquanto nos textos deste, as chamadas adiantavam algumas atrocidades do monstro, no texto de José Lins do Rego, a chamada assegura: “Macobeba é

um ótimo professor de corografia” (REGO, *A província*, 7 de junho de 1929). Ao apontar para essa função inusitada da personagem, uma vez que ela vinha sendo construída de modo a causar medo, o autor de *Fogo morto* dá o tom e o modo de conceber e figurar a personagem no seu texto, como na seguinte passagem:

O aparecimento desse bicho terrível nascido em praias do sul de Pernambuco veio mesmo a propósito.

Estávamos sem um lobisomem, um desses terrores tão necessários à imaginação do povo.

[...], Macobeba poderia continuar a fazer o diabo, por ali a fora, e ficaria a um canto, como têm ficado outros Macobebas, se não fosse seu biógrafo, tão informado de suas proezas, tão conhecedor dos lugares por onde tem o monstro andado. Numa brincadeira o sr. Mathias me obrigou a conhecer a geografia de Pernambuco, pedaço por pedaço. Cada desgraça que o Macobeba arranje é um novo rio que eu conheço, um engenho que me entra na memória, um lugar de nome pitoresco que nunca mais a gente se esquece (REGO, 1929)

Ao garantir que o bicho terrível “veio mesmo a propósito”, uma vez que terrores são “necessários à imaginação do povo”, e contar como, de modo indireto, as aventuras de Macobeba ensinam geografia, ele mostra uma utilidade da personagem, além de simplesmente apavorar. Ainda que use o vocábulo “brincadeira” para se referir às aventuras do monstro, José Lins não questiona a elaboração da figura no campo semântico do medo, ao mesmo tempo em que também não reforça isso, já que não narra novas tropelias. Curiosamente, apesar de contar que o monstro vem ensinando geografia a ele, isso não denigre ou impossibilita a capacidade de despertar o medo:

Foi o deputado Carlos Pontes que em discurso, querendo se referir a um lugar perigoso, chamava-o de ninho do Macobeba. E nas camadas populares o lobisomem de Pernambuco está metendo um medo sério. Outro dia quiseram atribuir escassez de peixe na “Lagoa da Mangueba” a coisas do Macobeba. E um dia destes, voltava de um “football”, em minha frente vinha uma moça de vestido muito curto. Uma senhora que estava à porta com umas visitas, com esse olho agudo que têm as mulheres para olhar os vestidos das outras, dizia para uma amiga: “É por isto que o Macobeba vem aí”. Em Maragogi, município perto das terras donde saía Macobeba, há um verdadeiro terror entre os trabalhadores rurais. José Mathias contou que o bicho vinha descendo rumo sul e os pobres homens ficaram alarmados com a história. Contou-me um usineiro de lá o sr. Jorge Salles, que um de seus moradores lhe pedira as contas. Não queria ficar por ali com medo do bicho que vinha comendo tudo. (REGO, 1929)

Ainda no sentido de explorar a capacidade da personagem de despertar medo, Zé Lins dá o seu testemunho, mostrando justamente como isso é útil para ele e para sua vida familiar:

Mas onde Macobeba está mais temido e mais vivo é entre os meninos. Para mim, ele me foi uma salvação. Sobretudo para quem tem, como eu, menino pequeno e não sabe como arranjar cara de meter medo.

[...]. Entre os meus dois meninos esse retrato é capaz de liquidar com a vontade mais impertinente. E diga-se, de passagem, não há vontade mais decidida e mais firme que a de um menino que quer uma coisa. [...], o Macobeba. Deus há de me perdoar a imagem, caiu-me do céu. É só

falar no nome do bicho e os meninos a amolecer a vontadezinha impertinente. [...]. Macobeba renovou para o mundo dos meninos essa coisa que muito pedagogo besta considera um mal: o medo. Macobeba é o gênio da destruição mais violento de quantos há por aí. Porque, repetindo uma palavra dos modernos, em matéria de destruir ele realiza uma “totalidade”. Para mim ele foi um descanso. (REGO, 1929)

A longa citação ilustra perfeitamente o modo como José Lins do Rego refigura a personagem. Reconhecendo todos os seus atributos mais monstruosos que despertam medo, sem ser atingido por eles, o autor valoriza tal caracterização, uma vez que, de maneira bem pessoal, dá depoimentos e trata da utilidade do medo despertado pelo monstro. A seleção lexical usada por ele é bem curiosa, pois trata dos seus aspectos monstruosos, do ensino de corografia e da serventia do medo despertado por ele. Assim, há termos como “monstro”, “bicho”, “lobisomem”, “diabólico”, “violento”, “gênio da destruição”, “salvação”, “descanso” e “ótimo auxiliar para as lições de corografia”.

José Lins do Rego pinta Macobeba de uma maneira bem peculiar: ele é o monstro que desperta medo, útil na educação dos meninos, ao mesmo tempo em que em todas as suas andanças destrutivas ensinam a nomenclatura dos diferentes rios, regiões e localidades. Diferentemente da caracterização elaborada por José Mathias, cujo intuito é narrar as peripécias e ilustrar as atrocidades do bicho, despertando medo, José Lins do Rego em alguma medida dá relatos de como o medo do monstro vem funcionando e mostra utilidades da personagem, para além do apavoramento.



## **1.2. “COM TODA A CERTEZA, O MACOBEBA SERÁ UM DESDOBRAMENTO DE UM DOS MITOS SECUNDÁRIOS, A SABER, A IARA, O BOITATÁ, O SACI, O LOBISOMEM E O IPUPIARA” (PINTO, A *PROVÍNCIA*, 12 DE JULHO DE 1929)**

No dia 12 de julho de 1929, o responsável pela coluna de Macobeba é Estevão Pinto, um “[h]umanista, considerado um dos pioneiros da antropologia do Brasil [...] [que] teve uma relevante atuação como historiador, sociólogo, antropólogo e folclorista” (GASPAR, 2011). Possivelmente influenciado pela sua formação, o texto de Estevão é significativamente distinto dos escritos por José Mathias e do escrito por José Lins do Rego. Desde o princípio, a diferença é notória:

O macobeba – espécie de lobisOMEM malfazejo, aparecido ultimamente em Pernambuco – surgiu, portanto, num momento propício, que é o do período áureo do folclorismo nacional.

Antes, porém de falar sobre esse animal fantástico, vejamos até que ponto a natureza física é responsável pela origem dos mitos em geral. (PINTO, 1929)

Para além da não utilização de letra maiúscula no começo do nome da personagem, aqui se destaca também o tom adotado desde o princípio do texto, deixando claro que o autor se propõe a tratar de Macobeba como um produto do folclorismo nacional. No início do texto, já notamos que o monstro não terá suas peripécias narradas, nem os efeitos que causa nas pessoas comentados, de modo que Estevão Pinto se afasta do tom presente nas crônicas de José Mathias e na de José Lins do Rego. Em sua proposta de estudar e tentar resgatar as origens da personagem, Estevão parte,

primeiramente, da ideia de que a natureza física é responsável por muitos mitos:

A natureza desperta, portanto, o instinto humano. É ainda a natureza que dá vestidura às ideias humanas. Assim nasceram os gigantes da mitologia germânica e os dragões da mitologia chinesa, isto é, nasceram para explicar uma natureza grandiosa e aterrorizadora, um ambiente de rios majestosos e negras florestas. (PINTO, *A província*, 12 de julho de 1929)

Na sequência, com um tom muito próximo da escrita acadêmica, marcada por citações, referências a variados estudos, menções a diferentes especialistas, Estevão continua sua argumentação acerca do modo como se originam os mitos, e, ao tratar do Egito e Babilônia, afirma:

Nada de Babilônia nem do Egito! Com o mesmo absurdo critério já se quis até derivar os nossos íncolas dos fenícios sob o pretexto de supostas afinidades linguísticas, quando todos nós sabemos que, sendo a estrutura individual uma só, à exceção de pontos superficiais, claro está que o órgão vocal humano “teria emitido sons idênticos em todos os idiomas, como ponto de partida para a formação das línguas particulares” (Afonso A. de Freitas). Há, enfim a mesma identidade de processo nas leis psicológicas da imaginação, isto é, todas as criações populares surgem em virtude da mesma uniformidade das leis da imaginação. (PINTO, 1929)

A longa passagem acima, transcrita à guisa de curiosidade, funciona como uma mostra do tom predominante no texto. Estevão Pinto faz uma série de análises, citações e explicações antes de tratar de Macobeba. Quando, finalmente, começa a tratar do monstro,

seu intuito de pensar as origens dele, a partir do levantamento de diversas hipóteses e do estabelecimento de comparações, fica muito claro:

O macobeba, por alguns de seus característicos primordiais – quatro grandes olhos, dimensões gigantescas, uso de vassoura de fio de cruapé – não tem nenhum parentesco com o diabinho jurupari dos indígenas; por outro lado, o apego pelas zonas ribeirinhas tira-lhe a probabilidade de se filiar ao grupo dos curupiras.

Com toda a certeza, o macobeba será um desdobramento de um dos mitos secundários, a saber, a iara, o boitatá, o saci, o lobisomem e o ipupiara.

[...].

Que o macobeba nada tem que ver com a iara ou o boitatá não é preciso demonstrar. Será, então, parente do lobisomem, que é uma das crenças mais importantes da mitologia sertaneja? Estamos em crer que não. (PINTO, 1929)

Com essa passagem fica evidente o modo como Macobeba é pintado por Estevão Pinto. Em nenhum momento há menção aos seus elementos assustadores, aos efeitos que eles despertam, ou a diferentes e curiosas utilidades do monstro. Aqui, Macobeba é apenas um objeto de estudo e análise em termos de folclore brasileiro. No meio de tantas análises, explicações e justificativas de origem, quando trata de Macobeba, Estevão garante:

Como o macobeba é um mito moderno, sofreu a influência alienígena – o rabo de leão, a vassoura (tirada das bruxas do além Atlântico), o poder de correr às léguas, de estar em lugares distantes

uns dos outros quase ao mesmo tempo (o que é, talvez, um efeito da locomotiva, do automóvel, do telégrafo). Com o saci tem apenas a coincidência de ser sempre encontrado nos caminhos [...] a pregar peças a Deus e ao mundo; com o ipupiara é irmão apenas na tendência de procurar o elemento líquido e as zonas ribeirinhas.

O macobeba é um mito imaginado para explicar os desastres materiais, que crescem à proporção da multiplicidade das conquistas e das invenções humanas. (PINTO, 1929)

Diferentemente de José Mathias (Júlio Bello), que buscava narrar as peripécias e atrocidades da personagem, ou de José Lins do Rego, que, sem perder de vista os aspectos monstruosos da figura e seus efeitos, mostra diferentes reações a ela, Estevão propõe-se a analisar a origem folclórica e mitológica da personagem. Ainda que mencione os elementos que a compõem, o autor o faz apenas para ilustrar e explicar suas hipóteses de análise. Em nenhum momento ele se propõe a narrar mais casos, ou explorar efeitos do aspecto monstruoso; Macobeba funciona apenas como um tema de análise.

## **2. “INDA AGORA ESTÁ APARECENDO NO SUL LITORÂNEO DE PERNAMBUCO UMA ASSOMBRAÇÃO MUITO SIMPÁTICA” (ANDRADE, *DIÁRIO NACIONAL*, 3 DE MAIO DE 1929)**

O texto “Macobeba” de Mário de Andrade sai originalmente no dia 3 de maio de 1929, na coluna “Táxi” do periódico *Diário Nacional*, publicado ao mesmo tempo em que as crônicas de José Mathias. Nele o autor de *Macunaíma* faz referências explícitas aos textos pernambucanos, como na descrição do bicho, ficando evidente que se trata do mesmo animal: “É o chamado Macobeba, bicho-homem dum tamanho arranha-céu, gostando muito de beber água de mar

e queimar terras”; “[n]o corpo o Macobeba é apenas um exagero. Mas não tem nada de original. Gigante feio mas cabeça, tronco e membros. Cabelo em pé, quatro olhos e rabo metade de leão, metade de cavalo” (ANDRADE, 1929).

Apesar de descrever igualmente a aparência do monstro, a crônica não se propõe a contar outros feitos dele, pois, logo no começo do texto, Mário já emite sua opinião acerca de assombrações: “[n]o geral *tenho um pouco de fadiga de assombrações*. Acredito nelas e sei que são um fornecimento contínuo de sensações intensas, porém, me cansa a precariedade plástica que elas têm. *Falta invenção* pra elas duma forma exasperante” (ANDRADE, 1929 - grifos nossos). Assim, ainda que diga acreditar em assombrações, o autor de *Pauliceia desvairada* tece críticas a elas em termos de ausência de inovação e de novidades, estendendo tal opinião também a Macobeba: “[n]o corpo o Macobeba é apenas um exagero. Mas não tem nada de original [...]. Faz o que no geral fazem todas as assombrações desse gênero: assusta, mata, prejudica” (ANDRADE, 1929 - grifos nossos) e continua:

Só teve até agora uma deliciosa prova de espírito: carrega sempre uma vassoura de fios duros maravilhosamente inútil. Não serve-se dela pra nada. Ora por que será que o Macobeba traz uma vassoura na mão?

Muito provavelmente essa vassoura é uma reminiscência daquelas bruxas que montavam cabos da tal quando partiam pras cavalhadas do Sabát. Muito provavelmente. Porém a grandeza do Macobeba está em trazer a vassoura inteira e não se servir dela pra nada. Nisso, reside a simpatia do grande monstro. (ANDRADE, 1929)

As passagens transcritas mostram a diferença de tom entre o texto de Mário de Andrade e os de José Mathias, o que se evidencia a partir da seleção lexical e das estruturas usadas por Mário para construir a imagem do monstro. Os substantivos são: “assombração”, “bicho-homem”, “gigante” e “monstro”, e os adjetivos: “sedentíssimo”, “feio”, “simpática”, “sedento” e “grande”, todos usados apenas uma vez. Assim, enquanto nos textos de José Mathias há vocábulos e frases que remetem ao medo e ao perigo, Mário de Andrade não segue a mesma linha, e usa palavras que não trazem a mesma carga semântica, pintando, inclusive o monstro de maneira irreverente e irônica, ao chamá-lo de “assombração muito simpática” ou assegurar que “[n]isso reside a simpatia do grande monstro” (ANDRADE, 1929).

Nesse sentido, lembrando que a construção da imagem é uma relação entre um “Eu” que se revela a partir de um “Outro” (PAGEAUX, 2011), fica muito claro o que o narrador – o Eu – objetiva criticar as assombrações e ironizar o modo como elas são construídas, tomando Macobeba – o Outro – como o exemplo, para, na sequência, usar uma série de clichês ligados a histórias de assombrações e finalmente construir a sua:

Só uma vez na vida estive em contato... objetivo com uma assombração [...]. Minha tia agonizava na casa pegada e nós [...] tínhamos sido alojados no vizinho para evitar bulha à chegada geralmente solene da morte [...]. De repente, da porta da copa surgiu no ar um pano grande bem branco [...]. Hoje, quanto mais friamente analiso as lembranças mais me convenço de que não era lençol não. Era um pano. Ou, por outra: nem era um pano exatamente, era um ser humano, disso estou convencidíssimo,

porém desprovido de forma humana e possuindo a consistência e o provável aspecto físico de um pano. Surgiu no ar, atravessou em passo de transeunte o ar da sala, desapareceu no corredor escuro. Eu vi. Todos vimos ao mesmo tempo. [...]. Então fomos chamados pra chorar. (ANDRADE, 1929)

Assim, a partir da análise lexical e da ironia destinada a Macobeba, percebemos que os recursos utilizados para construir a imagem do monstro são bastante distintos dos usados nas crônicas de José Mathias, uma vez que objetivam (e alcançam) resultados e efeitos diferentes.

### **3. “ERA MACOBEBA. PELO MENOS DIZEM QUE ERA MACOBEBA. QUE EU, PARA FALAR COM FRANQUEZA, NÃO ACREDITO MUITO NELE” (RAMOS, 2013, P.100)**

Nos dias 27 e 29 de abril de 1930, Graciliano Ramos, sob pseudônimo de Lúcio Guedes, publica dois textos no *Jornal de Alagoas* intitulados “Macobeba pré-histórico” e “Macobeba antigo”, que saem décadas depois, em 2011, na coletânea de inéditos *Garranchos*. Os dois textos se completam, uma vez que o segundo funciona como continuação do primeiro. Em “Macobeba pré-histórico”, Graciliano começa o texto com a construção da imagem de Alagoas no passado:

*Antigamente Alagoas era um paraíso – a desordem, a confusão, o caos, todas as desgraças em fúria contra o pobre bicho desengonçado que penosamente começava a levantar a espinha e a caminhar, sem motivo aceitável, sobre as patas traseiras. [...].*

*Os bípedes alagoanos matavam-se incessantemente, na boa lei natural, e, como todos os bens pertenciam*

*aos coronéis, a noção de roubo ainda não tinha aparecido. Circulava regularmente dinheiro falso. E essa coisa de tomar à força as mulheres e as filhas dos outros estava nos hábitos de quase todos os antigos mandões. (RAMOS, 2013, p.99 - grifos nossos)*

O cenário construído de maneira irônica a partir da utilização de um tom saudosista para descrever uma série de atrocidades é justamente o meio que permite e estimula o surgimento de Macobeba:

Ora no meio dessa balbúrdia dos pecados surgiu um indivíduo animoso, resolvido a escangalhar tudo: um sujeito de “rosto carregado e barba esquelética, os olhos encovados e a postura medonha e má, e a cor terrena e pálida, cheios de terra (isto é exagero) e crespos os cabelos, a boca negra, os dentes”... de lobisomem.

Era Macobeba. Pelo menos dizem que era Macobeba. Que eu, para falar com franqueza, não acredito muito nele. Uma criatura positiva e constitucional, leitora de jornais, iluminada à eletricidade, não admite, é claro, as crenças que enchiam a alma dos homens antigos. Não acredito. E, para descrever Macobeba, recorri ao Camões: furtei uns pedaços do gigante Adamastor.

Macobeba nunca existiu. Ou antes existiu... Eu sei lá! Isto, como veem, se vai encrencando consideravelmente. Sinto que me não sairei de semelhante dificuldade. (RAMOS, 2013, p.99-100)

A longa citação transparece a dificuldade desse “Eu”, o narrador, para elaborar a imagem do monstro, o “Outro” (PAGEAUX, 2011), uma vez que toma de empréstimo uma passagem de Camões para descrever Macobeba. A problemática da descrição continua:



Houve talvez dois Macobebas. O primeiro, nascido numa idade heroica, tinha, como todos os heróis que se respeitam, uma existência subjetiva; o segundo, atual e bacharel, é um ser de carne e osso, como qualquer um de nós. Julgo que este foi pouco a pouco tomando o lugar daquele, até confundir-se com ele e, de longe, parecerem formar os dois um todo indivisível. Tentemos separá-los. (RAMOS, 2013, p.100)

Conforme a incerteza, que justifica a dificuldade da descrição, se desfaz, o narrador começa a trabalhar com a fusão de dois Macobebas, sendo o primeiro uma espécie de herói, de figura mítica, e o segundo, um homem como outro qualquer. A relação entre ambos atinge o ápice no fim do primeiro texto – “Não era. Mas os outros pensaram que era. E o homem se transformou definitivamente em Macobeba” (RAMOS, 2013, p.101) – e se desenvolve plenamente em “Macobeba antigo”, cujo primeiro período é: “[t]endo-se tornado Macobeba para todos os efeitos, o indivíduo a que nos referimos ficou sendo um grande homem” (RAMOS, 2013, p.103). Assim, a relação entre os dois Macobebas evidencia o tom alegórico dos textos, uma vez que fundir uma figura humana a um monstro ao ponto de a pessoa se tornar própria a besta é uma maneira de criticar e atacar alguém e suas atitudes, o que fica muito claro na sequência:

Macobeba sorria. Alagoas macobebizou-se. Da capital aos mais remotos sertões fervilhavam bichos destruidores, de incisivos aguçados e caninos enormes, que estragavam, sem cerimônia, o que iam encontrando. Uns devoravam com avidez. Outros se contentavam roendo modestamente, mas coisa que lhes caísse entre as garras era coisa roída. (RAMOS, 2013, p.104)

Ainda que o narrador graciliânico não use substantivos ou adjetivos que remetam explicitamente ao campo do medo ou da monstruosidade, como faz José Mathias, a força do uso alegórico de Macobeba permite, justamente, que se pinte um cenário de destruição e de caos, do qual o monstro sai impune e vencedor:

Macobeba, resplandecente, mostrava o forro das algibeiras e sorria. Fundaram-se asilos, abriram-se estradas, derramou-se gasolina – a família de Macobeba engordava e era feliz. Descobriu-se que havia no interior, entre os amigos de Macobeba, uma quantidade razoável de assassinos e ladrões de cavalos. Era grave. Começaram sussurros. Que diabo! Teriam trocado o Macobeba? A coisa assim não prestava, era necessário fazer outra.

Macobeba continuava a sorrir.

[...].

E Macobeba sorria. Sorriu sempre. Ultimamente sorria desconfiado. Mas sorria. E aqui termina a história de Macobeba antigo. (RAMOS, 2013, p.104)

Fica muito evidente, então, como a construção do Macobeba de Graciliano Ramos difere significativamente da de José Mathias, ao não pintar a imagem do monstro usando uma seleção lexical voltada para o campo semântico do medo, e também se afasta da de Mário de Andrade, ao não optar por um trato irônico da assombração. Entretanto, a construção alegórica da imagem de Macobeba, com um viés crítico, só é possível pela apropriação e reutilização dos aspectos monstruosos e negativos anteriormente associados à besta.

#### 4. “VOFAVOFE, MEU CARO. O PRESIDENTE NÃO É DAQUI, É DO ESTRANGEIRO. SEU NOME É MACOBEBA” (PROENÇA, 1990, P.78).

Em 1960, já consagrado por textos críticos acerca da literatura brasileira, como *Roteiro de Macunaíma*, Manuel Cavalcanti Proença escreve *Manuscrito holandês ou a peleja do caboclo Mitavaí com o monstro Macobeba*, claramente inspirado em *Macunaíma* – em termos de herói-protagonista que experimenta aventuras muito diversas, lendas, criaturas folclóricas, estruturação da trama, entre outros. Ainda que tanto Mitavaí quanto Macobeba estejam presentes no título, aquele aparece desde o primeiro capítulo da trama, enquanto o segundo é mencionado pela primeira vez apenas no capítulo XIII:

- Vofavofe, meu caro. O presidente não é daqui, é do estrangeiro. Seu nome é Macobeba, não conheço. Agora recebi uma bolsa de aperfeiçoamento e pretendo conhecer a terra do chefão. Dizem que é difícil falar com ele. Tem muitos serviços em todo o mundo e muitos ajudantes. Mas estou disposto a ser um grande na Vofavofe. Vale a pena, dinheiro à vontade, um automóvel do último tipo, boas mulheres... É o meu sonho... Veja lá... (PROENÇA, 1990, p.78)

A “VOFAVOFE (Vou Fazer Você Feliz, Colonizadora S/A)” (PROENÇA, 1990, p.79) é uma empresa gigantesca, um monopólio, que controla, domina, explora e artificializa todos os recursos dos lugares; não há possibilidade de escapar ou de sobreviver às práticas predatórias, apresentadas como inovação, conforto e utilidade. Como a primeira aparição de Macobeba na trama é na função de presidente da Vofavofe, sua imagem é inicialmente

construída como a de um executivo, uma vez que os substantivos usados para se referir a ele são “presidente” e “chefão”. Apenas no capítulo XX, a partir de uma cantiga popular, Macobeba reaparece, agora sendo caracterizado de outra maneira, como explicam Sérgio Motta e Luiza dos Santos:

O monstro Macobeba é resgatado da esfera das crenças populares, ainda que não seja esse o ponto fulcral da narrativa. Há uma transposição de significados no decorrer de sua linha biográfica que o entrelaça ora aos valores sociais e econômicos da região do sertão, como explorador, ora ligado mais fortemente às linhas oriundas da oralidade, em que sua presença é marcada pela constante do assombro, pelo poder de sugar as águas e provocar mortes. (MOTTA; SANTOS, 2008, p.3)

Há, portanto, no livro, a princípio, duas caracterizações de Macobeba, já que a datar do capítulo XXIX a imagem dele vai sendo construída a partir de referências explícitas às crônicas de José Mathias, como: “Macobeba tinha aparecido na praia do mar, bebia água à ufa e fazia aparecer coroas altas em lugares onde antes zinga não achava areia preta para se firmar. Os jornais contavam. Mitavaí começou a ficar preocupado” (PROENÇA, 1990, p.159); “[a] coisa teve início com um telegraminha e veio caminhando rapidamente da quarta página para as manchetes. Macobeba era um flagelo, gigante antropófago, bebedor de água do mar. Com uma vassoura enorme que não servia para nada” (PROENÇA, 1990, p.161).

Assim, conforme Macobeba vai sendo pintado como monstro, uma vez que suas atitudes representam perigo e destruição para a localidade, como representavam nas crônicas de José Mathias, Mitavaí resolve combatê-lo. Em uma batalha repleta de elementos

mágicos e de figuras folclóricas, que auxiliam o herói, quando são enviadas para ajudá-lo, ou são assassinadas por ele, quando estão dispostas a matá-lo por causa de boatos que vinham denegrindo sua imagem – “Macobeba andava de rio acima levantando falso, fazendo enredo, espalhando mentira dele. Dizendo que Mitavaí andava faltando a vergonha a mulher casada e moça donzela, que ia acabar com o respeito de filho para pai, que mulher ia ser vendida” (PROENÇA, 1990, p.169) –, ele faz com que a besta dê origem a outro animal:

[n]em bem tinha desocupado o beco, o Monstro deu um estouro e se virou em labaredas grandes que até queimaram o bico de um japu esvoaçando perto. Das cinzas de Macobeba nasceu uma coisa que foi voando para o alto. Mitavaí ainda deu sete flechadas com a sarabatana, mas não fez efeito e o bicho bateu asas para o Polo Norte. (PROENÇA, 1990, p.178)

Após matar o monstro, Mitavaí se torna o herói do lugar e começa a ser cotado para ocupar cargos relevantes na vida política, o que lhe traz alguns inimigos. Estes, por sua vez, começam a apresentar outra faceta do monstro, possivelmente com o intuito de desmerecer o herói:

E de fato, falou muito mais do que Mitavaí poderia imaginar. [...]. “Só a politicagem corrupta dos Orembaés, retardados mentais, mentia ao povo, desvirtuando o sacerdócio da imprensa, apresentando Macobeba como monstro. Muitos países deviam seu progresso atual à compreensão dos políticos adiantados que haviam aceitado a colaboração desinteressada de Macobeba na dragagem dos rios, na formação de ilhas artificiais,

no desenvolvimento do azeite de peixe como combustível”.

Continuou dias e dias insistindo, aumentou a tiragem do jornal, fundou clubes de Regeneração Nacional. Clamava que o povo não devia consentir que Mitavaí fosse eleito, porque um assassino não podia chegar à mais alta magistratura. Matara Macobeba, era certo, mas com isso cometera um novo crime, muito maior que o primeiro, pois o *Monstro*, apresentado como inimigo do país, *era generoso e pacífico*. Se bebia as águas do mar, formava ilhas para o cultivo dos cereais; quando se banhava, com o corpo enorme dragava os rios, incrementando e facilitando a navegação fluvial. Macobeba queria apenas o direito de viver no país, concorrendo com os nativos para o seu progresso, tranquilamente, pacificamente. (PROENÇA, 1990, p.204-205 - grifos nossos)

A longa passagem, ainda que seja uma tentativa de ataque a Mitavaí, é relevante para se pensar em uma terceira caracterização de Macobeba. No primeiro momento, ele surge como “presidente” e “chefão” da “Vofavofe”. Já no segundo, pintado como nas crônicas de José Mathias, é tratado majoritariamente como monstro, mas também por outros substantivos, “flagelo”, “gigante” e “antropófago”, além do adjetivo substantivado “bruto”, de modo que suas atividades representam um perigo para a região e ele precisa ser combatido. No terceiro momento, como na citação acima, ele não deixa de ser chamado de monstro, no entanto, é um monstro “generoso e pacífico”, perdendo seu aspecto ameaçador.

Em suma, o Macobeba de Cavalcanti Proença é figurado de três maneiras distintas relacionadas ao longo da obra. Ainda que esses modos não dialoguem com a construção feita por Mário de

Andrade, ou com a de Graciliano Ramos, é inegável a relação deles com a maneira como Macobeba era pintado nas crônicas de José Mathias, a partir da utilização de uma seleção lexical semelhante, que resulta numa caracterização bem próxima, ou, ainda, pela menção à aparição do monstro através dos jornais.

## CONCLUSÃO

As análises realizadas apresentam diferentes refigurações de Macobeba. Para além do seu surgimento em abril de 1929, por José Mathias (Júlio Bello), o monstro reaparece – na mesma coluna – nos textos de José Lins do Rego e Estevão Pinto; no texto de Mário de Andrade, em maio do mesmo; em dois escritos de Graciliano Ramos, em 1930; e no livro de Cavalcanti Proença, em 1960, além de diversas manifestações no imaginário popular. Tais reaparições caracterizam a sobrevida da personagem:

Refiro-me ao conceito de *sobrevida* e aludo, deste modo, àquelas práticas em que reconhecemos a personagem como entidade refigurada. Isso acontece por vezes em contextos e em narrativas literárias, por exemplo, na paródia, na citação ou na incorporação de uma personagem numa narrativa subsequente àquela em que originalmente existiu. (REIS, 2017, p.129)

Desse modo, o monstro Macobeba é um exemplo de refiguração de personagem no Modernismo brasileiro. Porém, tantas refigurações, em contextos distintos, geram uma série de diferenças entre as reaparições, perceptíveis a partir de uma análise lexical detalhada, como a imagológica, possibilitando que as comparações sejam estabelecidas.

## REFERÊNCIAS

- ANDRADE, Mário (1929). “Macobeba”, *Diário Nacional*, São Paulo, (562), mai., p.3.
- FREYRE, Gilberto (1987). “Júlio Belo, agricultor sentimental”. In: \_\_\_\_\_. *Perfil de Euclides e outros perfis*. Rio de Janeiro: Record, p.181-190.
- GASPAR, Lúcia. *Estevão Pinto* (2018). **Pesquisa Escolar Online**, Fundação Joaquim Nabuco, Recife. In <http://basilio.fundaj.gov.br/pesquisaescolar/>. Acesso em 5.Dez.2018.
- MATHIAS, José (1929). “Macobeba é mais feio que o cão”, *A província*, Pernambuco, abr., (80), 3.
- \_\_\_\_\_ (1929). “O Macobeba é como o ‘judeu errante’”, *A província*, Pernambuco, abr., (83), 3.
- \_\_\_\_\_ (1929) “Macobeba saiu de novo a fazer tropelias”, *A província*, Pernambuco, abr., (92), 3.
- \_\_\_\_\_ (1929). “Macobeba nunca existiu”, *A província*, Pernambuco, Set., (201), 3-4.
- MOTTA, Sérgio Vicente; SANTOS, Luiza Aparecida dos (2008). “Cavalcanti Proença: quadros de Mitopoética”. In *Anais eletrônicos do XV Congresso Internacional da Abralic*. São Paulo: USP. In [http://www.abralic.org.br/eventos/cong2008/AnaisOnline/simposios/pdf/007/LUZIA\\_SANTOS.pdf](http://www.abralic.org.br/eventos/cong2008/AnaisOnline/simposios/pdf/007/LUZIA_SANTOS.pdf). Acesso em 6.Nov.2018.
- NASCIMENTO, Luiz do (1966). *História da imprensa de Pernambuco (1821-1954)*. II. Pernambuco: Imprensa Universitária/Universidade Federal de Pernambuco. In [http://www.fundaj.gov.br/geral/200anosdaimprensa/historia\\_da\\_imprensa\\_v02.pdf](http://www.fundaj.gov.br/geral/200anosdaimprensa/historia_da_imprensa_v02.pdf). Acesso em 3.Nov.2018.
- PAGEAUX, Daniel-Henri (2011). “Elementos para uma teoria literária: imagologia, imaginário, polissistema”. Katia A. F. de Camargo (Trad.). In: \_\_\_\_\_. *Musas na encruzilhada: ensaios de literatura comparada*. Frederico Westphalen (RS)/São Paulo/Santa Maria (RS): EdURI/Hucitec/ EdUFSM. p.109-127.
- PINTO, Estevão (1929). “Qual é a família do Macobeba?”, *A província*, Pernambuco, , jul., (158), 2.
- PROENÇA, Manuel Cavalcanti (1990). *Manuscrito Holandês ou A Peleja do*



Caboclo Mitavaí com o Monstro Macobeba. 5.ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira.

RABATEL, Alain (2016). “Introdução Geral: por uma análise enunciativa dos pontos de vista na narração”. In: \_\_\_\_\_. *Homo narrans: por uma abordagem enunciativa e interacionista da narrativa*. São Paulo: Cortez Editora. p.15-55.

RAMOS, Graciliano (2013) “Macobeba pré-histórico”. In: \_\_\_\_\_. *Garranchos*. Thiago Mio Salla (Org.). 2.ed. Rio de Janeiro: Record. p.99-102.

\_\_\_\_\_. (2013). Macobeba antigo. In: \_\_\_\_\_. *Garranchos*. Thiago Mio Salla (Org.). 2.ed. Rio de Janeiro: Record. p.103-105.

REGO, José Lins do (1929). “Macobeba é um ótimo professor de corografia”, *A província*, Pernambuco, jun., (130), p.3.

REIS, Carlos (2018). *Dicionário de Estudos Narrativos*. Coimbra: Edições Almedina.

\_\_\_\_\_. (2017). Para uma teoria da figuração. Sobrevidas da personagem ou um conceito em movimento. *Letras de Hoje*, Porto Alegre, abr.-jun ,52, (2), 129-136.

SALLA, Thiago Mio (2016). *Jornal de Alagoas* e a revista *Novidade*: política e letras na capital alagoana. In: \_\_\_\_\_. *Graciliano Ramos e a Cultura Política: mediação editorial e construção do sentido*. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo/ Fapesp. p.92-111.

## ANEXO



Fig. 1: Macobeba desenhado por Manuel Bandeira